

A dificuldade da aceitação do amor gratuito

“Os são não precisam de médico, e sim os doentes” (Mt 9, 12).

“Oh! Deus, perdoe esse pobre coitado,
que de joelhos rezou um bocado,
pedindo pra chuva cair, cair sem parar.
Oh! Deus será que o senhor se zangou,
e é só por isso que o sol se arretirou,
fazendo cair toda chuva que há .
Oh! Senhor, pedi pro sol se esconder um pouquinho,
pedi pra chover, mas chover de mansinho,
pra ver se nascia uma planta, uma planta no chão.
Oh! Meu Deus, se eu não rezei direito,
a culpa é do sujeito, desse pobre que nem sabe fazer a oração.
Meu Deus, perdoe encher meus olhos d'água,
e ter-lhe pedido cheio de mágoa, pro sol inclemente, se arretirar, retirar.
Desculpe, pedir a toda hora, pra chegar o inverno e agora,
o inferno queima o meu humilde Ceará”.
(*Súplica Cearense – Luíz Gonzaga*)

Desde que nascemos somos criados e educados numa cultura baseada na troca e no merecimento. Somos o tempo todo estimulados a estudar, a sermos bons alunos, boas pessoas e a termos bons comportamentos através do mecanismo da troca, pois sempre temos algo a ganhar no futuro, mesmo que seja apenas o reconhecimento de ser uma pessoa dita como exemplar.

Quantas vezes não dizemos a uma criança para ela se comportar e ser uma boa criança para ganhar uma festa legal de aniversário ou um bom presente do Papai Noel no final do ano? Quantas vezes não prometemos algo a nossos filhos se eles passarem direto na escola ou se eles se comportarem direito naquele momento? Quantas ajudas não pedimos a alguém oferecendo algo em troca? Quantos pais não ofereceram um carro para seus filhos se eles passarem no vestibular? Quem nunca fez um favor a alguém, “fez uma média” (como é dito na linguagem popular), com algum interesse? E por aí vai...

Se levarmos esse pensamento para o nosso cenário social, onde a competitividade está cada vez mais acirrada, o índice de desemprego cada vez mais assustador, somado a cultura do consumismo, a ideia da troca, de que tudo o que fazemos é derivado do nosso merecimento, fica ainda mais reforçada e entranhada em nós. Cada vez mais o valor do ser humano é medido quase exclusivamente pela sua eficiência e sua produtividade. Com isso, o espaço para a gratuidade fica cada vez mais estreito e, por vezes, até impedido de ser praticado.

Às vezes, esse pensamento chega a tal ponto, de começarmos a achar que as pessoas que têm melhores condições de vida, melhores empregos e condição social, as têm porque mereceram ter, sobretudo se estes privilegiados formos nós. Já os menos favorecidos e privados dessas condições, estão assim porque mereceram ter essa vida, não se esforçaram tanto como nós ou são malandros, folgados e preguiçosos, por isso vivem na miséria. Mas, uma análise mais profunda e séria, percebe-se que tal pensamento não tem muito fundamento e que não se pode generalizar.

Certamente esta mentalidade não deixa impune a religião, que há tempos também foi impregnada por este sentimento. E mais uma vez deixamos de lado algo tão caro e preciso para nós: a gratuidade do amor.

Com isso, corremos o risco de cairmos numa busca doentia para conquistar o merecimento do amor e da bênção de Deus. Corremos o risco de entrarmos num ativismo desenfreado dentro da Igreja, envolvendo-nos com milhares de pastorais, associações e movimentos, entrando num rodaminho frenético e sem volta.

O desenvolvimento do pensamento meritório pode chegar a grandes aberrações, infelizmente não incomuns em nossas comunidades religiosas. Podemos começar a achar que, por fazer parte de várias pastorais, estarmos envolvidos em diversos projetos na Igreja, somos, de certa forma, mais justos ou santos do que outras pessoas. Achamos que por isso nossas orações serão atendidas, que Deus vai nos ouvir mais do que as outras pessoas, sobretudo as mais pecadoras, que roubam, matam e nem sequer se preocupam com o próximo. Podendo até chegar ao extremo de acharmos que somos “donos da Igreja e da verdade”, que o nosso caminho para o céu está garantido (pois é mais que justo por tudo aquilo que fiz em prol da Igreja) e que somos mais dignos do que as demais pessoas perante a Deus. Acabamos utilizando nossas obras como um grande pretexto para evitar um encontro pessoal com Deus imprevisível e desconcertante, com o Deus que se abre para um futuro novo, com o nosso próximo.

Assim como aparece na letra da música *Súplica Cearense* do grupo *O Rappa*, começamos a atribuir o não atendimento de nossas preces a Deus a nossa suposta pouca fé ou ao nosso pecado que fez com que Deus ficasse zangado conosco, fazendo com que perdêssemos o merecimento de que nossas súplicas fossem atendidas. O que não faz o menor sentido.

Este não é um bom caminho para nos relacionarmos com Deus. Ele é amor e, como autêntico amor, só é possível nos relacionarmos através da liberdade e da gratuidade. Assim esse amor, capaz de transformar nossas vidas, vem pela ação e pela iniciativa de Deus. É um dom tão valioso que não pode ser conquistado e nem comprado, só pode ser recebido como um dom gratuito.

Inúmeras são as passagens bíblicas que expressam esta gratuidade de Deus e do seu Reino, onde inúmeras vezes Jesus alerta que o Reino de Deus é para os pobres, para as crianças, para os pequenos e para os pecadores, todos que notoriamente, para a mentalidade da época, não estavam em condições de fazer nenhuma reivindicação. Só lhes restavam acolher gratuitamente esse dom que vinha de Deus.

“Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” (Mt 9, 12). Por isso se faz cada vez mais necessário recuperar a dimensão da gratuidade de Deus, tanto no nosso relacionamento com Deus e com o próximo. Porque quando perdemos essa dimensão, achamos que somos merecedores de tudo, acabamos nos fechando em nós mesmo, deixando Deus e o próximo de lado, julgando-nos merecedores do Reino de Deus por direito próprio. Certamente esta é uma atitude muito mais cômoda e fácil.

Mas é preciso ir além, é preciso acolher gratuitamente o amor e o perdão de Deus. Porém, essa acolhida de forma gratuita, requer que assumamos por inteiro, e de forma gratuita também, o compromisso com o nosso próximo, com o nosso irmão. É preciso que tenhamos a coragem e a ousadia de nos oferecermos a nós mesmos, numa abertura real à vontade de Deus.

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com